



Jul. 80

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS	26. JUL. 1980		



Numerosa assistência, que enchia quase por completo o Pavilhão do Académico, seguiu com interesse a exposição de Maria de Lurdes Pintasilgo sobre «O Mundo de hoje e o Portugal de amanhã».

Lurdes Pintasilgo no Porto

«PORTUGAL NÃO PODE SER NA EUROPA A ÚLTIMA COLÓNIA DE ÁFRICA»

«O sonho de Abril está de pé; há é que saber continuá-lo com mais realismo» — afirmou no Porto Maria de Lurdes Pintasilgo, perante largas centenas de pessoas que ali se reuniram, a convite de um grupo de cidadãos que, para o efeito, se constituíram em Comissão Organizadora.

Subordinando-se ao tema, «O Mundo de hoje e o Portugal de amanhã» a ex-primeiro-ministro do V Governo Constitucional começou por delinear os grandes problemas que o mundo de hoje levanta, focando a seguir as alternativas que, no plano internacional, já se vislumbram, para, finalmente, se referir aos desafios que Portugal enfrenta neste contexto, desafios que ganham uma nova dimensão à luz das decisões que os próximos actos eleitorais vão implicar.

Frequentemente aplaudida pelo numeroso público que enchia quase por completo o recinto, Lurdes Pintasilgo referiu, a abrir a sua exposição, que todos nós, hoje, «somos emigrantes no tempo» e viajantes para uma nova civilização, ainda desconhecida, mas para a qual já é possível delinear os contornos.

O fim dos impérios com a revitalização de novas culturas e a emergência da universalidade da mentalidade técnica; a situação de guerra ininterrupta em que o mundo vive desde o segundo conflito mundial e que canaliza energias para a destruição planetária; o esgotamento dos recursos naturais e a destruição de patrimónios que são propriedade de toda a humanidade; a massificação da vida que torna as pessoas instrumentos das máquinas e umas das outras; a excessiva racionalidade económica que faz com que só tenha valor o que é traduzível em dinheiro; e, finalmente, o tipo de Estado onipotente e burocratizado que torna socialmente inúteis 50% das actividades económicas, foram as grandes questões sumariadas.

No entanto, Lurdes Pintasilgo sublinhou que, inclusive nos países altamente industrializados, alguns indicadores revelam uma ruptura com esta situação e a busca de novos caminhos colectivos.

Assim, segundo ela, afirma-se cada vez mais uma nova consciência planetária e uma nova forma de ser nação, em que o que conta não é o prestígio ou o domínio, mas a busca de uma identidade cultural própria, consciente de que não há problemas isolados.

Por outro lado, cresce por toda a parte o movimento pela paz, que, à política do monólogo, do amuo e da birra, contrapõe a política do diálogo, da concertação e do consenso.

Face aos desafios dos recursos naturais, tendem a surgir na opinião da ex-primeiro-ministro, a afirmar a necessidade de um controlo social sobre esses recursos, impedindo que eles fiquem à mercê da iniciativa privada ou dos estados.

Perante o desafio da massificação social, observa-se uma crescente valorização das pessoas e das forças espirituais que as promovem, acentuando uma fé plural no homem como realidade que transcende a dimensão de cada um.

Finalmente, e baseando-se em exemplos concretos, aquela interveniente sublinharia que o poder político terá que ser cada vez mais encarado como liderança inspiradora, uma vez que as novas gerações exigem que ele exprima institucionalmente as suas esperanças.

Na última parte da sua conferência, Maria de Lurdes Pintasilgo referiu-se de modo mais concreto aos desafios que Portugal enfrenta no forjar do seu futuro. Assim, na sua opinião, o nosso país tem que fazer uma escolha: ou se torna num museu pré-histórico, na «última colónia de África na Europa», ou então, para decisivamente na contracorrente internacional, fazendo curto-circuito em relação a caminhos já percorridos por outros. «Só que», continuou ela, o entrar na aurora da nova civilização não está ao alcance de políticos de profissão sem cultura planetária nem de jovens tecnocratas ávidos de substituírem a velha burguesia».

Na sua opinião, há que desenvolver planos concretos orientados no sentido de criar mais riqueza sendo, porém, essencial focar a análise, no sentido de saber quais são os verdadeiros conflitos e questões e quais são os verdadeiros parceiros sociais desses conflitos e dessas questões. Segundo Lurdes Pintasilgo, eles passam pela busca e afirmação da nossa identidade cultural, porque, como frisou, «só quem é alguém se pode relacionar com os outros». Por outro lado, Portugal só poderá começar a emergir autenticamente das marcas da guerra colonial quando deixar de ser, no seu posicionamento internacional, o acólito submisso de outras guerras possíveis. Quanto a isso, Lurdes Pintasilgo foi clara ao considerar o presidente da República, general Ramalho Eanes, uma garantia sólida de um posicionamento coerente com a nossa identidade.

A terminar, a ex-primeiro-ministro teceria considerações sobre a necessidade de uma reconversão produtiva do nosso país, bem como do aparelho de Estado, interrogando-se se haverá mais realismo nos que se agarram ao que está para morrer ou nos que optam pelo que está para nascer.

Seguiu-se, depois, um período de debate, com momentos de

bastante interesse, em que foram explicitados alguns dos pontos anteriormente enunciados.

Futuro